



## **ARQUITETURA E INFÂNCIA: INTERVENÇÕES VISUAIS NO ESPAÇO ESCOLAR**

Thaís Kawamoto Amarães <sup>1</sup>

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente relato de experiência apresenta uma atividade de extensão desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo da instituição, vinculada à disciplina Meios de Expressão e Representação, ministrada no segundo ano da graduação, ao longo do primeiro semestre de 2025. A proposta culminou na execução de um mural artístico no Centro Municipal de Educação Infantil Pioneira Aparecida Luzia Pires de Moraes, localizado no município de Maringá, Paraná, cuja etapa prática de pintura ocorreu nos dias 02 e 09 de junho de 2025, no período noturno, contando com a participação de quatro estudantes.

A atividade foi estruturada ao longo de todo o semestre letivo, integrando os conteúdos desenvolvidos na disciplina a uma ação concreta de intervenção em espaço escolar. Durante as aulas, os estudantes tiveram contato com diferentes técnicas e linguagens no campo da expressão e da representação gráfica, incluindo exercícios de desenho de observação, criação autoral, estudos de composição e práticas de pintura. Essas atividades formativas constituíram a base para a elaboração da proposta artística posteriormente executada em grande escala.

Ao longo do semestre, foram realizadas dinâmicas orientadas que estimularam a experimentação gráfica e a construção coletiva de ideias. A partir desse processo, os estudantes desenvolveram esboços individuais e coletivos, discutindo elementos compositivos, escolha cromática e organização visual. A proposta final buscou contemplar aspectos relacionados ao universo da infância, como acolhimento,

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil, Mestre e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, coordenadora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil da UNIFAMMA.



diversidade e ludicidade, considerando o contexto específico de uma instituição de educação infantil.

Após a definição da composição, a arte foi apresentada à equipe gestora do Centro Municipal de Educação Infantil para apreciação e validação. As sugestões apresentadas foram incorporadas ao desenho final, reforçando o caráter dialógico da atividade e garantindo que a intervenção estivesse alinhada às expectativas da comunidade escolar. Concluída essa etapa, iniciou-se o planejamento da execução em escala real.

A pintura do mural foi realizada em dois encontros presenciais, nos dias 02 e 09 de junho de 2025. A parede selecionada para a intervenção, com aproximadamente um metro e noventa centímetros de altura por quatro metros e noventa centímetros de largura, passou por preparação prévia, incluindo limpeza da superfície, aplicação de base uniforme e marcação do esboço. Durante a execução, os estudantes organizaram-se coletivamente para a aplicação das camadas de tinta, definição de contornos e realização dos acabamentos finais, sob acompanhamento docente.

A experiência possibilitou a vivência do processo completo de criação e materialização de uma proposta gráfica, desde sua concepção em ambiente acadêmico até sua concretização em espaço institucional, articulando formação técnica, prática extensionista e interação com a comunidade.

## **2.REFERENCIAL TEÓRICO**

A reflexão sobre a qualidade do ambiente escolar frequentemente privilegia aspectos pedagógicos e metodológicos, deixando em segundo plano a dimensão física dos espaços onde o processo educativo ocorre. No entanto, considerando que parcela significativa da população passa grande parte do dia em edifícios escolares, torna-se pertinente problematizar o impacto dos elementos arquitetônicos sobre os processos de aprendizagem e sobre a experiência cotidiana de estudantes e educadores (Kowaltowski, 2011). O ambiente construído não constitui cenário neutro,



mas componente ativo na constituição das vivências, influenciando percepções, comportamentos e interações.

De acordo com Kowaltowski (2011), a organização espacial, a incidência de luz, a escolha cromática, as texturas e a simbologia presente nos elementos arquitetônicos interferem diretamente na sensação de conforto, segurança e pertencimento dos usuários. Configurações espaciais específicas, como nichos, caminhos e acessos, bem como a relação entre aberturas e espaço físico, contribuem para a humanização da arquitetura e para a construção de ambientes mais acolhedores e estimulantes. No contexto da educação infantil, tais aspectos assumem relevância ainda maior, uma vez que a percepção sensível e a identificação com o espaço participam do processo formativo das crianças.

Se o ambiente escolar integra a experiência educativa, a formação do arquiteto e urbanista deve contemplar a compreensão crítica dessa relação entre espaço e sociedade. A Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de julho de 2025, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, estabelece que a formação deve articular teoria, prática e contexto de aplicação, estimulando ações de extensão e aproximando o estudante de situações reais. Tal orientação reafirma que o processo formativo não pode restringir-se ao domínio conceitual, devendo promover experiências que integrem reflexão crítica e intervenção concreta.

A mesma normativa destaca a importância do desenvolvimento das habilidades de desenho e de expressão tridimensional, bem como o domínio dos meios de expressão e representação em todas as fases do projeto. O projeto arquitetônico é compreendido como processo criativo fundamentado na realidade e orientado para a transformação da vida individual e coletiva. O perfil do egresso delineado nas Diretrizes Curriculares enfatiza, ainda, a necessidade de formação humanista, postura ética, responsabilidade social e capacidade de comunicação eficaz, inclusive por meio da linguagem gráfica.

Nesse cenário, os meios de expressão e representação assumem papel central na formação profissional. A criatividade, entendida como a capacidade de propor



novas soluções para problemas existentes, constitui competência essencial ao arquiteto e urbanista (Gunzi, 2016). Embora frequentemente associada às artes, a criatividade pode ser estimulada e desenvolvida em diferentes campos, inclusive na prática projetual. Trata-se de processo que articula intuição, estudo, pesquisa e experimentação, permitindo que dados comuns sejam transformados em composições inovadoras.

No âmbito da representação gráfica, desenho e pintura configuram-se como instrumentos por meio dos quais o pensamento projetual se estrutura e se comunica. A liberdade de expressão, aliada ao aprofundamento técnico, amplia as possibilidades de interpretação sensível da realidade e favorece a construção de propostas que transcendam soluções convencionais (Gunzi, 2016). O desenvolvimento dessas habilidades ao longo da formação acadêmica contribui para consolidar repertório visual, autonomia criativa e capacidade de adaptação a contextos específicos.

A articulação entre ambiente escolar, formação profissional e criatividade evidencia que a atuação do arquiteto ultrapassa a dimensão estritamente técnica, inserindo-se em um campo que envolve responsabilidade social, sensibilidade estética e compromisso com a qualidade do ambiente construído. Ao integrar conhecimentos de representação gráfica a uma intervenção em espaço educativo, mobilizam-se simultaneamente competências técnicas, criativas e éticas, em consonância com as diretrizes formativas vigentes e com a compreensão de que o espaço arquitetônico participa ativamente da construção das experiências humanas.

### **3.RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A atividade de extensão desenvolvida ao longo do primeiro semestre de 2025 evidenciou resultados significativos tanto no âmbito da formação acadêmica dos estudantes quanto na qualificação do ambiente escolar atendido. A articulação entre concepção em sala de aula e execução em contexto real permitiu a integração efetiva entre teoria, prática e aplicação, em consonância com as Diretrizes Curriculares



Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de julho de 2025).

Do ponto de vista formativo, a experiência possibilitou que os estudantes mobilizassem habilidades de desenho, composição e pintura desenvolvidas ao longo da disciplina Meios de Expressão e Representação, aplicando-as em situação concreta e em escala ampliada. A transposição do suporte bidimensional para a parede do refeitório exigiu domínio técnico, planejamento, leitura espacial e capacidade de adaptação às condições reais do local. Tal processo reforçou a compreensão de que os meios de expressão e representação constituem instrumentos essenciais não apenas para comunicar ideias, mas para viabilizar sua materialização.

A vivência também favoreceu o desenvolvimento da criatividade como competência aplicada. Conforme discutido por Gunzi (2016), a criatividade envolve a capacidade de propor soluções inovadoras a partir de dados existentes. No caso da intervenção realizada, os estudantes partiram de referências, exercícios prévios e discussões coletivas para elaborar uma proposta visual alinhada ao universo da infância. A incorporação das sugestões da equipe gestora do Centro Municipal de Educação Infantil demandou abertura ao diálogo e reformulação de aspectos compositivos, evidenciando que o processo criativo não é linear, mas construído em interação com o contexto e com os usuários.

Além das habilidades técnicas e criativas, observou-se o fortalecimento de competências relacionadas ao trabalho em equipe, à responsabilidade e ao compromisso social. A organização coletiva para execução do mural exigiu cooperação, divisão de tarefas e gestão do tempo disponível, especialmente considerando a realização da pintura no período noturno e em apenas dois encontros presenciais. Essa dimensão colaborativa está em consonância com o perfil do egresso previsto nas Diretrizes Curriculares, que enfatiza postura cooperativa, ética e comprometida com a realidade social.



No que se refere ao impacto no ambiente escolar, a intervenção contribuiu para a qualificação estética do refeitório, introduzindo elementos visuais associados à ludicidade, acolhimento e diversidade, como observado na figura 01.



Figura 1: Mural Refeitório CMEI  
Fonte: Acervo autora, 2025.

À luz das reflexões de Kowaltowski (2011), compreende-se que o ambiente físico exerce influência sobre as experiências cotidianas dos usuários. A inserção do mural, portanto, não se restringiu a um acréscimo decorativo, mas configurou-se como ação voltada à humanização do espaço, potencializando sua dimensão simbólica e afetiva.

A experiência evidenciou, ainda, a pertinência da extensão universitária como estratégia formativa. Ao aproximar os estudantes de uma instituição de educação infantil, a atividade promoveu contato direto com demandas reais e com a complexidade dos contextos sociais, reafirmando a compreensão do projeto arquitetônico como processo criativo fundamentado na realidade e orientado à transformação da vida coletiva, conforme estabelecido na Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de julho de 2025.

A turma participante da disciplina era composta por 10 estudantes, os quais demonstraram participação ativa ao longo do semestre nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Durante as etapas de estudo teórico, exercícios de desenho,



composição e experimentações gráficas, observou-se envolvimento coletivo, cumprimento das propostas e abertura ao processo de aprendizagem, ainda que inicialmente marcado por inseguranças técnicas.

Entretanto, na etapa final de execução da intervenção mural no CMEI, apenas 4 estudantes compareceram para a realização prática da pintura. Esse dado constitui um indicador relevante para análise. Embora não seja possível afirmar com precisão os motivos da ausência dos demais, considerando que a atividade ocorreu no período final do semestre e que essa etapa não possuía atribuição direta de nota, a discrepância entre participação em sala e adesão à prática extensionista revela um tensionamento recorrente no ensino superior: o engajamento tende a se intensificar quando há vinculação formal ao sistema avaliativo.

A experiência sugere, portanto, que a atribuição de valor avaliativo à etapa de execução pode fortalecer o compromisso discente com atividades que articulam teoria, prática e extensão, reforçando seu caráter formativo e profissionalizante. Tal constatação dialoga com as orientações da Conselho Nacional de Educação, estabelecidas na Resolução CNE/CES nº 1 de 11 de julho de 2025, que enfatizam a necessidade de estimular atividades que integrem teoria, prática e contexto real de aplicação, incluindo ações de extensão e desenvolvimento de protótipos como parte estruturante da formação em Arquitetura e Urbanismo.

Do ponto de vista qualitativo, os quatro estudantes que participaram de todas as etapas, da concepção à execução, relataram que a vivência prática foi uma das experiências mais significativas do semestre. Destacaram especialmente o aprendizado das técnicas de pintura mural e o processo de projeção do desenho em escala real na parede. Diferentemente da expectativa inicial de executar o mural por meio de desenho à mão livre em grande escala, foi adotado o procedimento técnico de projeção da imagem previamente desenvolvida. Essa estratégia permitiu a ampliação proporcional do desenho e evidenciou a importância do planejamento e da precisão técnica, aproximando a atividade de procedimentos adotados na prática profissional.



A etapa de execução consolidou a compreensão do percurso projetual como sequência articulada entre concepção, representação e materialização. Os estudantes puderam experimentar a transposição do suporte bidimensional para a escala real e permanente do espaço construído, vivenciando as implicações técnicas, espaciais e perceptivas dessa transição. Tal processo reforça a ideia de que o desenho não se restringe à representação final, mas constitui instrumento de investigação, teste e tomada de decisão no desenvolvimento do projeto.

Sob a perspectiva docente, a professora responsável acompanhou a turma ao longo de todo o semestre e observou mudanças significativas no entendimento dos estudantes acerca do papel do desenho na formação do arquiteto. No início da disciplina, muitos apresentavam a concepção equivocada de que o exercício profissional em arquitetura está majoritariamente associado ao uso de softwares, minimizando a importância do desenho manual. Nenhum dos alunos demonstrava domínio consistente das técnicas básicas de representação à mão livre.

Ao longo do semestre, o desenho foi trabalhado não apenas como técnica gráfica, mas como ferramenta de pensamento projetual. Foram exploradas situações concretas em que o domínio do desenho manual se mostra essencial na prática profissional, como a elaboração de croquis em visitas técnicas, registros rápidos de ideias em reuniões com clientes, estudos preliminares volumétricos, análises espaciais in loco e desenvolvimento de conceitos antes da modelagem digital. Essa abordagem contribuiu para que os estudantes compreendessem o desenho como instrumento cognitivo, capaz de estruturar o raciocínio espacial e favorecer o processo criativo.

Ao final da disciplina, a docente identificou evolução expressiva no desempenho dos estudantes, tanto no domínio da representação gráfica quanto na ampliação da noção espacial e na qualidade compositiva das propostas desenvolvidas. Observou-se melhoria no traço, na proporção, na organização dos elementos e na clareza comunicativa dos desenhos, bem como maior compreensão de escala, profundidade e relação entre cheios e vazios. Paralelamente, evidenciou-se avanço na capacidade criativa, perceptível na proposição de soluções visuais mais



articuladas, coerentes e sensíveis ao contexto. Essa evolução indica que o exercício sistemático do desenho contribuiu não apenas para o aprimoramento técnico, mas para a consolidação do pensamento projetual.

Esses resultados dialogam com a compreensão de criatividade na qual o sujeito criativo é aquele capaz de transformar dados comuns em novas possibilidades de solução, transcendendo a mera reprodução formal. A experiência prática no CMEI funcionou como catalisadora desse processo, pois exigiu dos estudantes adaptação técnica, tomada de decisões coletivas e resolução de problemas concretos relacionados à execução.

Além disso, a intervenção no ambiente escolar reforçou a discussão sobre o impacto do espaço físico no cotidiano dos usuários. A transformação do muro do CMEI não se limitou à dimensão estética, mas contribuiu para qualificar o ambiente construído, alinhando-se à perspectiva de que o espaço arquitetônico influencia percepções, comportamentos e experiências. Ao vivenciarem essa transformação, os estudantes puderam compreender, de maneira concreta, o alcance social da atuação do arquiteto.

A discrepância entre os 10 alunos inicialmente engajados e os 4 que concluíram o processo até a execução final evidencia, por sua vez, um desafio pedagógico importante: garantir que a integração entre ensino e extensão seja percebida pelos estudantes não como atividade complementar, mas como parte constitutiva da formação profissional. Tal reflexão aponta para a necessidade de ajustes metodológicos futuros, especialmente quanto à estrutura avaliativa e ao reforço da responsabilidade coletiva em atividades de impacto social.

De modo geral, os resultados indicam que a vivência completa, da concepção à materialização, potencializa significativamente o aprendizado técnico, criativo e ético dos estudantes. A articulação entre desenho, projeto e execução em contexto real fortalece a formação crítica, amplia a compreensão do papel social da arquitetura e aproxima o processo de ensino das condições concretas do exercício profissional.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



A experiência extensionista desenvolvida no âmbito da disciplina Meios de Expressão e Representação evidenciou a relevância da articulação entre formação acadêmica e intervenção em contextos reais como estratégia formativa no curso de Arquitetura e Urbanismo. Ao longo do primeiro semestre de 2025, os estudantes participaram de um processo que integrou aprendizagem técnica, desenvolvimento criativo e atuação socialmente comprometida, culminando na execução do mural no Centro Municipal de Educação Infantil Pioneira Aparecida Luzia Pires de Moraes.

A atividade permitiu consolidar habilidades relacionadas ao desenho, à composição e à pintura, reafirmando a importância dos meios de expressão e representação na formação do arquiteto e urbanista, conforme preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais. A transposição da proposta elaborada em ambiente acadêmico para a execução em escala real demandou planejamento, domínio técnico e capacidade de adaptação às condições concretas do espaço, fortalecendo a compreensão do projeto como processo criativo fundamentado na realidade.

Sob a perspectiva da arquitetura escolar, a intervenção evidenciou que o ambiente físico participa ativamente da experiência educativa. A inserção do mural contribuiu para a humanização do espaço do refeitório, incorporando elementos visuais associados ao universo infantil e promovendo maior identificação simbólica com o ambiente. Tal iniciativa reforça a compreensão de que decisões projetuais e compositivas influenciam a percepção e o bem-estar dos usuários, especialmente em contextos de educação infantil.

Do ponto de vista formativo, a experiência favoreceu o desenvolvimento de competências técnicas, criativas e interpessoais, como trabalho em equipe, responsabilidade, escuta e compromisso ético. A aproximação com a comunidade escolar ampliou a percepção dos estudantes acerca do papel social da Arquitetura e Urbanismo, fortalecendo uma postura profissional alinhada à responsabilidade social e à transformação qualificada do ambiente construído.

Conclui-se, portanto, que a integração entre ensino e extensão constitui ferramenta pedagógica potente para a consolidação de uma formação crítica, sensível e tecnicamente fundamentada. A experiência relatada demonstra que ações



extensionistas, quando articuladas aos conteúdos curriculares, contribuem de maneira significativa para a construção de profissionais mais conscientes, capazes de compreender o projeto arquitetônico não apenas como exercício formal, mas como prática comprometida com a qualidade dos espaços e com a vida coletiva.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior.

**Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de julho de 2025: institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.**

*Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 12 jul. 2025. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/ces-n-1-de-11-de-julho-de-2025-641605392>. Acesso em: mar. 2026.

GUNZI, E. K. **A relação do desenho com o ensino da arte: considerações sobre a teoria e a prática** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaber, 2016.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.